

# Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

(Organizadora)

# **Sexualidade e Relações de Gênero**

## **3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3)  Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609  1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 306.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906096</b>	



**CAPÍTULO 7 ..... 70**

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

*Carle Porcino*

*Cleuma Sueli Santos Suto*

*Dejeane de Oliveira Silva*

*José Andrade Almeida Junior*

*Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*

*Jeane Freitas de Oliveira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906097**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

*Fabiana Duarte e Silva*

*Francielle Pereira Santos*

*Ludmila Nunes Mourão*

*Marília Martins Bandeira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906098**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Nívia Madja dos Santos*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906099**

**CAPÍTULO 10 ..... 102**

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060910**

**CAPÍTULO 11 ..... 107**

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

*Kariane Camargo Svarcz*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060911**

**CAPÍTULO 12 ..... 119**

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

*Maria Izabel Machado*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060912**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>162</b>
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>206</b>
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

**CAPÍTULO 21 ..... 219**

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

*Ângela Kaline da Silva Santos*

*Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida*

*Lucicleide Cândido dos Santos*

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

**CAPÍTULO 22 ..... 230**

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

*Paula Land Curi*

*Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

**CAPÍTULO 23 ..... 242**

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Ângela Maria Simão Ribeiro*

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

**CAPÍTULO 24 ..... 252**

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Jussara Silva da Costa*

*Polena Valesca de Machado e Silva*

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

**CAPÍTULO 25 ..... 264**

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

*Suélem do Sacramento Costa de Moraes*

*Bárbara Hees Garré*

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

**CAPÍTULO 26 ..... 271**

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

*Jaqueline Tubin Fieira*

*Franciele Lorenzi*

*Giseli Monteiro Gagliotto*

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

**CAPÍTULO 27 ..... 283**

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Francielen Leandro Apolinário*

*Evelly Paat Sampaio da Silva*

*Elisângela Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

**CAPÍTULO 28 ..... 291**

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

*Evaldo Batista Mariano Júnior*

*Maria Aparecida Augusto Satto Vilela*

*Valeska Guimarães Rezende da Cunha*

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

**CAPÍTULO 29 ..... 311**

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

*Libna Pires Gomes*

*Paula Land Curi*

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

**CAPÍTULO 30 ..... 321**

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

*Mariluce Vieira Chaves*

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

**CAPÍTULO 31 ..... 331**

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

*Daniel Cerdeira de Souza*

*Tirza Almeida da Silva*

*Sônia Maria Lemos*

*Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato*

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

**CAPÍTULO 32 ..... 336**

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

*Solange Aparecida de Souza Monteiro*

*Paulo Rennes Marçal Ribeiro*

*Valquiria Nicola Bandeira*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Andreza de Souza Fernandes*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Isabel Cristina Correia Cruz*

*Fernando Sabchuk Moreira*

*Ana Paula Sabchuk*

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

**CAPÍTULO 33 ..... 348**

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

*Fabíola Calazans*

*Vanessa Santos de Freitas*

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>360</b>
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060934</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>370</b>
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060935</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>376</b>
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060936</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>387</b>
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060937</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>402</b>

## SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

IFSP

**Paulo Rennes Marçal Ribeiro**

UNESP

**Valquiria Nicola Bandeira**

UNIARA

**Carlos Simão Cury Corrêa**

UNIARA

**Andreza de Souza Fernandes**

IFSP

**Isabel Cristina Correa Cruz**

IFSP

**Fernando Sabchuk Moreira**

UENP

**Ana Paula Sabchuk Fernandes**

UFPR

teóricas acerca da formação docente; discorrer sobre alguns elementos constitutivos da ação docente e refletir sobre dilemas da formação. Utilizamos como aportes teóricos, Anastasiou (2003), Saviani (2010, 2012), Morin (2012), Nóvoa (1995,2011) e Tardif (2013) RIBEIRO, P. R. M (2006). In: FIGUEIRÓ (2009). Dentre outros. Ancorados nos aspectos apresentados, consideramos salutar discorrermos brevemente sobre a educação destacando a ausência ou presença de formação docente numa perspectiva histórica. Portanto, é pertinente refletirmos sobre o que vem a ser formação de professores envolvendo as questões da sexualidade? O profissional da educação ao se deparar com questões que perpassam a sexualidade deve estar capacitado para abordar e tratar a temática de forma reflexiva, livre das amarras, dos preconceitos, tabus e crenças, indo muito além de abordagens pontuais e baseadas no senso comum. Desse modo, a capacitação do educador é fator imprescindível, além de que podemos perceber que transformações e mudanças não se implantam somente por legislações e diretrizes é preciso planejamento, formação dos envolvidos e paralelamente vontade e predisposição dos gestores públicos e educacionais. Vislumbramos assim, uma educação sexual emancipatória, com marcas de criticidade, alteridade e reflexão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Sexual.

**RESUMO:** Vivenciamos um período permeado por discursos e reflexões no cenário educacional que trazem para o cerne da discussão a formação docente sobre sexo e sexualidade. Tendo em vista esta recorrente constatação, é importante interrogarmo-nos sobre as concepções de formação apresentadas na literatura. Quais elementos constituem a prática docente? Quais os dilemas presentes na formação docente que o professor se sinta seguro para tratar do tema? Nessa perspectiva, temos como objetivo realizar uma sucinta periodização sobre a formação de professores no Brasil; apresentar abordagens

## 1 | INTRODUÇÃO

O trabalho que apresentamos tem como objetivo discutir as políticas públicas de formação de professores/as no Brasil o papel da escola frente ao trabalho de projetos e propostas pedagógicas sobre Educação Sexual e sobre os conhecimentos que os/as professores/as possuem sobre o assunto. A escolha pelo tema diversidade sexual veio do desejo de acreditar que a escola pode realmente ser um espaço de inclusão social.

Vivenciamos atualmente um período permeado por discursos e reflexões no cenário educacional que trazem para o cerne da discussão a formação docente, pois esta pode ser considerada como um elemento fundante para a construção e difusão dos conhecimentos científicos e das práticas educativas. Tanto as advindas da cientificidade quanto as extraídas da cotidianidade.

A educação contribui visivelmente no sentido de proporcionar melhorias na medida que os sujeitos envolvidos no processo reconheçam o quanto é necessário uma prática educativa capaz de propiciar a relação entre o científico e o social, considerando as suas recíprocas influências. Nesta perspectiva para Saviani (2008, P. 7) o trabalho educativo é “O ato de produzir direta e intencionalmente em cada indivíduo singular a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

A discussão a respeito da temática formação docente justifica-se por sua relevância e pertinência no contexto atual por ser uma área de fundamental importância para a compreensão e desenvolvimento do trabalho educacional.

Tendo em vista esta recorrente constatação, é importante interrogarmo-nos sobre as concepções de formação apresentadas na literatura. Quais elementos constituem a prática docente? Quais os dilemas presentes na formação docente?

Nessa perspectiva, temos como objetivos: realizar uma sucinta periodização sobre a formação de professores no Brasil; apresentar abordagens teóricas acerca da formação docente; discorrer sobre alguns elementos constitutivos da ação docente e refletir sobre dilemas da formação .

No tocante aos procedimentos metodológicos consideramos que esta produção é de caráter bibliográfico, tratando-se de uma revisão de literatura fundamentada em estudos teóricos sobre a temática em questão. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266), ( : )

Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Nesse contexto, ao percebermos a necessidade de um maior aprofundamento utilizamos como aportes as contribuições teóricas de Anastasiou (2003), Saviani (2010, 2012), Morin (2012), Nóvoa (1995,2011) e Tardif (2013) dentre outros, cujos pontos de vista compartilhamos.

## **2 | A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: UMA CONCISA PERIODIZAÇÃO**

Ancorados nos aspectos inicialmente apresentados, consideramos salutar discorrermos brevemente sobre a educação destacando a ausência ou presença de formação docente numa perspectiva histórica. Para tanto usamos como aparato a abordagem apresentada por Saviani (2010) procurando extrair os elementos concernentes à formação docente da perspectiva histórica por ele apresentada, categorizada nos períodos compreendidos entre o monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional (1549-1759), coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional (1759-1932), predominância da pedagogia nova (1932-1969), configuração da pedagogia produtivista e as teorias críticas da educação (1969-2001).

Podemos afirmar que com a chegada dos primeiros Padres Jesuítas no Brasil vem também a institucionalização das nossas primeiras práticas educacionais. Haja vista, que os indígenas tinham suas práticas educativas baseadas nos costumes e rituais. Entretanto os novos povos chegam desenvolvendo uma ação pedagógica por meio da colonização, educação e catequese, consubstanciando a formação de professores aos clássicos antigos de acordo com os padrões europeus, formando sacerdotes para instruir e catequizar os índios e atender a elite nacional, pautando-se no Ratio Studiorum. Assim, foi no período de 1549 a 1759.

Neste contexto, a educação não constituía meta prioritária, já que o desempenho de funções na agricultura não exigia formação especial. Apesar disso, as metrópoles européias enviavam religiosos para o trabalho missionário e pedagógico, com a finalidade principal de converter o gentio e impedir que os colonos se desviassem da fé católica, conforme as orientações da contra-reforma. (ARANHA, 2006, p. 139).

Posteriormente entre 1759-1932 emerge outra proposta educacional divergente dos padrões adotados pelo catolicismo. O Marquês de Pombal realiza as reformas pombalinas da instrução pública, desestruturando o modelo de educação religiosa e propondo as aulas régias realizadas isoladamente de forma autônoma, geralmente ocorriam nas residências dos professores. Ancorados no ideário da laicidade, uma educação pública e estatal embora o acesso ficasse restrito a uma minoria. Sendo apenas em 1827 criadas as escolas de primeiras letras em todos os lugares populosos com ensino realizado pelo método mútuo, também conhecido como método Lancaster ou sistema monitorial. Quanto à realização da formação dos docentes para trabalhar nessa proposta, devendo ser a cargo dos próprios professores, sendo que em 1890



aconteceu o agrupamento das escolas em grupos escolares.

De 1932 a 1969, período que em foi aberta a primeira escola normal do Brasil, no ano de 1835 com a incumbência de preparar os professores para atuar nas escolas primárias, entretanto eram abertas e fechadas periodicamente adquirindo pouca estabilidade. Tivemos a influencia do ideário escolanovista propondo uma educação laica e gratuita da infância até os estudos universitários e os professores com formação em nível superior. Organizam-se institutos de educação com espaços destinados para pesquisa, ensino e formação de professores para corrigir a insuficiência do ensino normal. Conforme SAVIANI (2012), em 1939 instituiu-se a Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia, além da disciplina de didática que possibilitava aos bacharéis serem docentes após cursarem mais um ano da disciplina didática o conhecido 3+1. Quem em 1962 foi regulamentado e incluso nos cursos da faculdade como parte integrante do curso, consolidando-se com a duração de 4 anos, formando bacharéis em 3 anos e os docentes em 4 anos.

O período de 1969 a 2001 foi marcado por muitas rupturas, consolida-se o tecnicismo, período em que a formação docente foi também bastante conturbada, o professorado não estava preparado para executar um ensino técnico, aligeirado e dotado de padrões externos e burocratizados. Vem a(crase) tona uma formação que visava o mínimo de interferências subjetivas, por isso as aulas eram realizadas por meio do telensino, microensino entre outros procedimentos de parcelamento do trabalho pedagógico, orientando-os para o domínio dos comportamentos e habilidades. Sendo assim, ainda em 1970 a formação é considerada como algo pouco importante e conturbado.

Nesse contexto, os anos 1970 foi: (o ano de 1970 ou a década de 1970)

[...] período áureo do tecnicismo no Brasil, tanto a pesquisa como os programas de formação/seleção de professores passam a valorizar os aspectos didático-metodológicos, sobretudo as tecnologias de ensino, nomeadamente os métodos e técnicas especiais de ensino. (Fiorentini; Souza Junior; Melo, 1998, p. 313)

Em contra partida destacamos as abordagens critico-reprodutivistas e a abordagem crítica. Em que na primeira a educação é compreendida como uma forma de reprodução da sociedade vigente e por meio da formação docente e ação do professorado acontece a inculcação e a proliferação dos ideários burgueses.

Culminamos nossa abordagem histórica com a segunda, a proposta de educação crítica advinda da década de 1980, denominada, na perspectiva de Saviani (2010), Pedagogia Histórico - Crítica. A qual, em linhas gerais, percebem a íntima relação entre educação e sociedade e suas influências tencionando uma formação docente crítica pautada na busca por transformações sociais, a partir da apropriação dos conteúdos construídos socialmente e culturalmente e as intervenções na realidade social. Propostas que consideramos estar permeando tanto a formação profissional como o trabalho docente, entretanto configurara-se e ainda apresenta-se como um

desafio para a educação brasileira em que educadores ousados e comprometidos as tornam concretas.

Nesse sentido, é pertinente destacarmos que a partir da década de 1990, o Brasil foi marcado por medidas expressivas como a promulgação da LDBN 9394/96, propiciando a introdução de mudanças na educação nacional, tal como exigência dos profissionais docentes terem formação em nível superior e assim proporcionar melhorias qualitativas na educação. Entretanto a formação profissional docente e melhorias na qualidade da educação são aspectos que até hoje tornam perceptíveis à necessidade de um olhar mais apurado.

### 3 | FORMAÇÃO DOCENTE

Do ponto de vista estrutural é salutar explicitarmos que a formação docente institucionalizada refere-se aos cursos de graduação, ao percurso de conhecimentos teóricos metodológicos e práticos vivenciados pelo aluno nas IES - instituições de Ensino Superior.

Ao nos reportarmos às instituições de ensino superior apresentamos que perante a LDBN 9394/96 as IES estão academicamente organizadas em: Universidade e não Universidades - Centros Universitários, Faculdades Integradas e Institutos ou Escolas Superiores, sendo que a universidade, a qual compreendemos como instituição educacional constituída pelo tripé ensino, pesquisa e extensão. Em que o ensino consolida-se de forma genérica na ação de transmissão dos conhecimentos construídos socialmente através da relação dialética entre professores e estudantes. Enquanto que a pesquisa consubstancia-se em um elemento constitutivo e explanativo do ensino, forma de conhecer e compreender as realidades. Já a extensão é uma devolutiva a sociedade na perspectiva de fornecer subsídios para intervir de forma significativa na sociedade vigente. Elementos estes que articulados entre si compõem as particularidades dos professor universitário.

Porém, o ambiente destinado ao complexo trabalho de preparação para o ser professor é um espaço de ser professor e se fazer professor constantemente através de aprendizagens, ação e reflexão. É um dos ambientes educativos destinado ao que corriqueiramente escutamos falar como formação de professores. Haja vista que a formação acontece também durante a ação pedagógica no ambiente escolar.

Portanto, é pertinente refletirmos sobre o que vem a ser formação de professores? Haja vista, que é algo que interfere de forma significativa no ambiente educacional, fornecendo subsídios para que o professor durante o seu fazer pedagógico utilize os elementos advindos das reflexões e socializações teóricas e metodológicas a fim de realizar uma ação docente dotada não apenas da cientificidade presente nas teorias educacionais, mas articulá-las com o conhecimento construído no âmbito sociocultural e de forma pedagógica interagindo com o contexto social pelo qual os

sujeitos estão inseridos, percebendo e refletindo sobre a influência das condições sociais norteadoras.

Nessa perspectiva, principiamos nossa reflexão discorrendo sobre a etimologia da palavra que em acordo com Donato (2001, p.38) “ formação como ação de formar, do latim formare que, como verbo transitivo, significa dar forma e, como verbo intransitivo, coloca-se em formação e, como verbo pronominal, ir-se desenvolvendo uma pessoa.”

A formação docente é um processo importante para a construção do ser professor, na medida em que possibilita o desenvolvimento profissional e pessoal. Quando proposta numa perspectiva reflexiva propicia a reflexão e articulação entre o conhecimentos adquiridos e os conhecimentos produzidos socialmente pela humanidade necessários para o desenvolvimento humano e intelectual.

Com base em Ferry ( apud GARCIA, 1999, p. 19) “formar-se nada mais é do que um trabalho sobre si mesmo, livremente imaginado, desejado e procurado, realizado através de meios que são oferecidos ou que o mesmo procura.” É um constante processo de construção de conhecimentos advindo das necessidades individuais e circunstâncias de desenvolvimento.

#### **4 | ENSINAGEM: COMPONENTE CONSTITUTIVO DA DOCÊNCIA**

Nesse contexto, consideramos importante voltarmos nosso olhar para a formação docente no tocante a compreensão sobre a docência. Ao considera-la como uma ação humana complexa e necessária para o desenvolvimento da sociedade. Haja vista que somos seres de relações e aprendemos com nossos pares. A docência é uma profissão desenvolvida pelo profissional professor. Para tanto não pode ser reduzida a um dom, ousamos explicitar que poderemos ter disposição para tal, ou seja, faz-se extremamente necessário, termos também preparação para atuarmos de maneira qualitativa.

Como parte integrante da ação profissional que consolida o trabalho docente temos o ensino, que caracteriza-se pelo processo de disseminação e construção de conhecimentos através da reflexão e da ação refletida. Como aborda Anastasiou (2003, P. 26):

O verbo ensinar, do latim insignare, significa marcar com um sinal, que deveria ser de vida, busca e despertar para o conhecimento. Na realidade da sala de aula, pode ocorrer a compreensão, ou não, do conteúdo pretendido, a adesão, ou não, a formas de pensamento mais evoluídas, a mobilização, ou não, para outras ações de estudo e de aprendizagem. Como outros verbos de ação, ensinar contém, em si, duas dimensões: uma utilização intencional e uma de resultado, ou seja, a intenção de ensinar e a efetivação dessa meta pretendida.

Assim, a atividade docente de ensinar é complexa e necessita constantemente

o analisar e repensar a efetiva ação objetivada, que neste caso é a aprendizagem. Entretanto sabemos que ensino não garante necessariamente a aprendizagem, ou seja, que existe ensino sem aprendizagem e aprendizagem sem ensino.

Foi diante dessas reflexões que surgiu o termo ensinagem, usado então para indicar uma prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto ação de ensinar quanto a de apreender, em processo contratual, de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, resultante de ações efetivadas na, e fora da, sala de aula. (ANASTASIOU (2003, P. 26)

Dessa maneira, ensinagem está relacionada a uma prática pedagógica que busca garantir que a educação aconteça, não se resume apenas a ação de ensinar, mas objetiva o aprender. Conforme Anastasiou (2003 p.26)“o apreender, do latim apprehendere, significa segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender, compreender, agarrar. É um constante processo de busca de aprendizagem, advindos de anseios próprios ou circunstâncias os quais compõem a tessitura a qual estamos inseridos.

Os estudos de Foucault,( 2012) criticam essa tendência, ressaltando que a sexualidade não pode ser vista como um dado da natureza. O autor rejeita a hipótese repressiva da sexualidade - centrada na crença do controle social de uma energia natural incontrolável -, argumentando que a perspectiva essencialista ignora que a sexualidade é desenvolvida como parte de uma rede complexa de regulação social. Foucault denomina esse aparato de biopoder, uma força positiva preocupada com a administração e o cultivo da vida que não se expressa com base na proibição, mas sim na administração do que deve ser feito

Ancorados nesses pressupostos apresentados, compreendemos que ensinar precisa superar as práticas pedagógicas unilaterais em que o professor é o detentor do saber e o estudante um ser passivo. Faz-se necessário uma prática docente dialética que parta da síncrese para a síntese, onde os envolvidos sejam sujeitos do processo partindo da realidade social, interagindo com os conhecimentos científicos e retornando a realidade na perspectiva de intervir no contexto.

A esse respeito, Saviani (2010) tece a seguinte consideração,( : )

Dentro do movimento: ação, reflexão e ação refletida é que a atividade docente é práxis Apenas na articulação entre a teoria e a prática pedagógica é que isso acontece. (...) Compreendemos que a construção da práxis do profissional do magistério, tem como base ética (reflexão crítica sobre a dimensão moral do comportamento do homem e o sentido social que se dá à profissão) e a competência (qualidade profissional construída no coletivo). (LIMA, 2001, pp. 36-7)

Desse modo, ensinar consolida-se como uma ação pedagógica multidimensional que exige disposição dos envolvidos um olhar global para os saberes que circundam a sociedade contemporânea. Por isso torna-se inexorável legitimarmos a valia dos

saberes universitários e termos um olhar valorativo na esfera dos saberes práticos, pois estes também se apresentam como parte integrante do ensino e da sociedade. Trazendo na sua composição uma pluralidade de saberes que articulados possibilitam o alcance de resultados mais satisfatórios.

É importante acentuar que o elemento ensinagem deve ser considerado como um elemento imprescindível para a construção e difusão dos conhecimentos científicos e das práticas educativas. Tanto as advindas da cientificidade quanto as extraídas da cotidianidade, pois esta parte do pressuposto de garantir que a aprendizagem aconteça.

## 5 | INQUIETAÇÕES E DILEMAS DA FORMAÇÃO DOCENTE

É no diálogo que torna-se permissível o relacionar-se com os contrários, justapor posições divisíveis e estabelecer uma práxis. Por isso o diálogo é apresentado como uma diretiva que inteligivelmente contribui para o êxito, sendo assim, carece que o âmbito educacional seja guiado por ele.

No âmbito dessa discussão é pertinente destacarmos uma série de fatores relacionados à educação, tais como: Desenfreado acesso às informações sem transformá-las em conhecimento, Uso desordenado das Tecnologias de Informação Comunicação e (TIC) entre outros. Os quais podemos considerar como dilemas para formação e atuação do docente.

Pois conforme Morin (2012) a educação deve proporcionar que o estudante transite, evolua de uma cabeça bem cheia, bombardeada de informações desconexas para uma cabeça bem-feita, capaz de analisar as informações transformando-as em conhecimento.

No tocante as TICs, é concernente ressaltarmos que estamos envoltos em um sistema globalizado e informatizado que requer indubitavelmente da formação docente, um olhar direcionado para as tecnologias de informação e comunicação, que representam um desenfreado sistema tecnológico que o alunado está inserido e de certa forma desvalorizando as práticas escolares que estão distantes. Portanto, recorremos a Freire (2011) o qual explicita que uma ação docente educativa progressista não diviniza nem diaboliza esse tempo tecnologizado, olha criticamente. Tomando como exemplo Freire reconhecemos que existem os pontos positivos e negativos, ao passo que possibilita o rápido e quantitativamente considerável acesso a informação, socialização de pesquisas e o ensino, mas acaba por permitir também o desenvolvimento de um certo imediatismo que pode desembocar em informações superficiais e não em conhecimento.

Diante da discussão empreendida, entendemos que é imprescindível refletirmos sobre os saberes que permeiam a cotidianidade sem ressaltamos alguns dilemas da profissão abordados por Tardif, Lessard, Nóvoa (2011), os quais requerem dos

docentes:

I – Saber organizar e organizar-se, com autonomia trabalhar a colegialidade, estabelecendo relação com a comunidade escolar na perspectiva de fornecer devolutiva de como está sendo desenvolvido o trabalho. Fato este que necessita repensar e organizar as práticas de ensino e avaliação, valorização da ação pedagógica dos pares na perspectiva de que a colegialidade é um somatório de potencialidades não o divisor. Pois é nítida a problemática da falta de interesse dos alunos no ambiente escolar, problema esse que se consubstancia em um dilema para formação docente, haja vista que tal formação objetiva trabalhar com o alunado.

II - Relacionar e relacionar-se com a comunidade redefinindo os papéis sociais e rompendo com o ideário de que ensinar é algo simples, pelo contrário, é nítida a complexidade do ato de ensinar. Por isso Freire (2011) afirma que saber ensinar não é transferir conhecimentos, e sim propiciar meios para a sua produção ou construção.

III- Analisar e analisar-se mediante o conhecimento com uma prática deliberativa. Haja vista, que a complexa relação entre teórico e empírico, requisita constantes análises e reflexões visando deliberações que contribuam para o aprimoramento do professor e aprendizagem dos alunos.

Na análise que faz Figueiró (2009, p. 51), a sexualidade trabalhada na escola reduz o corpo aos conceitos de assepsia, controle e prevenção, e uma visão biológica, onde a ênfase é para noções de biologia, anatomia humana, comparações entre reprodução animal e fenômeno humano de nascer, reduzindo a questão da sexualidade à reprodução, puberdade e amadurecimento sexual; incumbindo essa função ao professor de Ciências ou delegando-a ao campo da Biologia, sendo que os educadores das demais áreas do conhecimento esquivam-se de quaisquer responsabilidades, no que diz respeito à educação sexual. A impressão que temos, quando analisamos o que aponta Figueiró (2009) e a que fazemos das respostas dos/as educadores/as, é que a sexualidade ou ainda não é tratada como conteúdo necessário ou que cada um/a cuida dos interesses das suas disciplinas, principalmente, quando elegem determinados campos para dar conta daquilo que deveria ser feitos por todas as disciplinas e todas as áreas do conhecimento.

Contudo, as mudanças ocorridas na contemporaneidade atenuam a complexidade do ensinar à medida que alguns alunos são caracterizados como frequentadores da escola, não estudantes, estão lá por determinações familiar e social não por interesse; o ambiente escolar configura-se em um espaço de interações humanas, onde afetamos e somos afetados por algo ou alguém, ou seja, permeado pela afetividade positiva ou negativa. Que cotidianamente é publicizada em jornais, revistas e meios eletrônicos, por se tratar de um contexto global de desrespeito e violência gratuita dentro das instituições entre os atores escolares.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse panorama, compreendemos que a base dos conhecimentos do ensino não provém apenas dos conhecimentos científicos. Os saberes são vários, são complementares e interdependentes. Pois somos seres de interações e aprendemos com estas, somos parte de uma tessitura composta da relação entre os diversos saberes os quais estabelecemos relações na nossa trajetória pessoal e profissional.

Apresentamos nossas ideias, parcialmente conclusivas, afirmando a autêntica urgência de proporcionar uma formação articulada com as exigências do real, refletindo, vivenciando e proporcionando indicativos de soluções para as situações vivenciadas, rompendo com a dualidade teoria / prática e tornando o professor responsável também pela sua formação.

Nessa conjuntura, elucidamos que a ensinagem é um elemento fundamental para o desenvolvimento educativo e que esta precisa com todas as suas peculiaridades nortear a formação e a prática dos docentes. Afim de desenvolvermos um trabalho pedagógico que procure garantir a aprendizagem e o desenvolvimentos dos sujeitos envolvidos no processo.

Há pesquisadores que incluem a dimensão ética como parte da dimensão psicológica, no entanto, Bruess e Greenberg (2008) as mencionam separadamente. Os autores afirmam que essa dimensão engloba basicamente questões de certo e errado, coisas que podem ou não ser feitas, crenças religiosas, opiniões morais e ações, valores, entre outras questões. Por fim, aquela dimensão que as pessoas sempre associam primeiramente à sexualidade é a dimensão biológica, os aspectos biológicos da sexualidade humana são apenas uma dimensão dentre as outras que devem ser consideradas, sendo um erro pensar que essa dimensão é a mais importante em detrimento das outras. A dimensão biológica envolve os aspectos físicos, como a aparência, o desenvolvimento das características físicas sexuais, as respostas a estímulos sexuais, a habilidade de se reproduzir ou controlar a fertilidade, ciclos fisiológicos e suas mudanças, entre outros aspectos.

No entanto, pesquisas têm evidenciado que a formação dos professores, tanto inicial quanto continuada, é deficiente no que diz respeito ao desenvolvimento da educação sexual em sala de aula e isso traz, por consequência, uma realidade docente despreparada para a abordagem (Figueiró, 2007; Silva; Maia e Ribeiro, 2011; Megid Neto, 2006). Tal abordagem tem sido desafiadora aos professores por diversos motivos, como a percepção docente a respeito do assunto, a forma como ela é abordada em sala de aula, os temas considerados tabus pela sociedade, os preconceitos, as diversidades, entre outros fatores (Jacobucci e Barcelos, 2011).

Scott entende que essa discussão envolve uma armadilha para as próprias mulheres, por ser a igualdade um conceito político que supõe a diferença e, portanto, reivindica-se que indivíduos diferentes sejam percebidos e tratados como equivalentes. Essa equivalência, que representa, de fato, antagonismo e conflito, vem se tornando

“tragicamente hegemônica”. Nesse sentido, a autora alerta para a necessidade de problematizar toda e qualquer verdade, incluindo a igualdade entre homens e mulheres. A problematização das práticas discursivas permite a não-fabricação de identidades “idênticas” e, portanto, hegemônicas, abrindo a possibilidade para a constituição de maneiras alternativas de ser, agir e pensar de homens e mulheres. Em um pensamento próximo ao de Scott (1995), Foucault (1984) assinalara anteriormente o paradoxo imbricado nas relações de poder: ao mesmo tempo em que essas práticas e saberes criam novas formas de controle e vigilância sobre os indivíduos e o corpo social, é por meio deste saber que a sociedade amplia e aprofunda seu conhecimento sobre a própria humanidade e a realidade física e social. Seu efeito sobre a identidade dos indivíduos pode ser considerado produtivo na medida em que, além de estruturar seu pensamento, conceitos e condutas, fornece recursos da mesma ordem, que permitem a estruturação do mundo físico e social pelo próprio sujeito.

Em síntese, é relevante considerar que a formação necessita indubitavelmente estar ancorada na flexibilidade, na colegialidade e cientes de que somos sujeitos produtos e produtores de conhecimentos. Que devemos romper com a dicotomia teoria/prática, ultrapassar os muros invisíveis, proporcionando ao professorado e alunado experiências que permitam se perceber enquanto construtores da sociedade, capazes de intervir de forma expressiva nos percursos ditados socialmente.

De acordo com Guacira Lopes Louro (1997), o conceito foucaultiano de poder é útil para compreendermos o conjunto de práticas e saberes produzido para o controle de homens e mulheres, entre estes, os que definem lugares sociais diferenciados para os gêneros. Isso fica claro, por exemplo, nos papéis atribuídos ao casamento, à procriação e à normalização de condutas de meninos e meninas. Com base nos estudos foucaultianos, Louro (1997, p. 41) compreende o gênero mediante os micropoderes considerados estratégias e não privilégios dos homens sobre as mulheres. O poder exercido reciprocamente entre os indivíduos produz efeitos sobre suas ações, que se constituem em regras e prescrições. Quando não há condição individual ou grupal de resistência, não há exercício de poder e sim uma relação de violência, física ou simbólica. A autora lembra, entretanto, que essas práticas sociais não são redutíveis a esquemas explicativos fixos, porque elas mesmas são intrinsecamente instáveis: os “gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder”.

Figueiró (2007) afirma que boa parte dos docentes reconhece a educação sexual como relevante e necessária à formação dos estudantes. A autora afirma que há uma preocupação docente referente ao tema, mas os professores, muitas vezes, sentem insegurança e temor frente ao desafio de implementar uma abordagem envolvendo educação sexual em sala de aula. Contudo, é fato que a formação inicial dos professores não os tem preparado para desenvolver questões envolvendo sexualidade em sala de aula, assim, os professores acabam ficando receosos frente ao tema e resultados como os expressos na tabela 3 acabam sendo compreensíveis, mesmo que injustificáveis



Nesse sentido, podemos, após essa limitada discussão, afirmar que a escola continua imatura, pouco te avançado e precisa, antes de tudo, investir em formação, em discussão, em orientação dos seus/suas docentes, assim como exigir dos Sistemas de Ensino maiores investimentos, pois Educar Sexualmente é garantir autonomia, cidadania e respeito a todos os sujeitos, garantindo a finalidade da Educação, que no discurso é para todos/as.

Tendo em vista a importância de políticas que promovam o debate no campo do gênero e da sexualidade, espera-se que esse trabalho contribua para uma reflexão mais profunda acerca das dificuldades e limitações de concretização de uma política pública e de como os/as professores/as assumem a responsabilidade como agentes da transformação de mentalidades e práticas. Almeja-se que essa reflexão fomente a divulgação de pesquisas no Ensino de Ciências e Educação, e contribua para a consolidação dessa área de investigação.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos; Alves, LonirPessate. **Processo de ensinagem na universidade**. Joinville, SC: EditoraUniville, 2003.

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da Pedagogia**: Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

BARCELOS, N.N.S.; JACOBUCCI, D.F.C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011.

BARCELOS, N.N.S.; ZAIAD, A.G.; SANTOS, C.; BARCELOS, N. S. Educação sexual: relato de uma experiência. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo: v. 7, n. 2, p. 150-160, 1996.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. **LDB nacional [recurso eletrônico] : Lei de diretrizes e bases da educação nacional** : Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 19 abr. 2014.

DONATO, E. M. Formación. IN: FAZENDA, I. C. A. (Org). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários á pratica Educativa**/São Paulo: Paz e terra,2011.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.p. 328.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A educação Sexual presente nos relacionamentos cotidianos. In: \_\_\_\_\_ (Org.). Educação sexual: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009, p. 63-104.

LEITÃO de MELLO, M. T. Programas oficiais para formação de professores. **Revista Educação e Sociedade - CEDES**, Campinas,n. 68, 1999.Ed. Porto. 1999.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática**: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: Nóvoa, A (Org). Vidas de professores. Lisboa: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. Claude L. **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Tradução de Lucy Magalhaes. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e História: “fissuras no presente”. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. RIBEIRO, P. R. M.; MELO, S. M. M. (Org.). Educação sexual no Brasil: panorama de pesquisas do Sul e do Sudeste. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.p.19-24.

RIBEIRO, M. Educação sexual além da informação. São Paulo: EPU, 1990.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.p. 328.

FOUCAULT, M.; História da Sexualidade. Vol. I, A vontade de saber, 9º. Ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 15. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 33 – 45.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338  
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390  
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

### B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

### C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

### D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398  
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310  
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388  
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

## F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

## G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

## H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

## I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

## J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

## **L**

Ludicidade 152

## **M**

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

## **N**

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

## **P**

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

## **R**

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

## **S**

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393  
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

## V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-609-6

